

ARI CUNHA

Visto, Lido e Ouvido

Poupe o Sarah. Ele pertence ao Brasil

Aquele Sarinha incipiente, levantado às margens da W-3 Sul, em frente à TV Brasília, em tijolinho aparente, era um conjunto de dois pavilhões modestos, construídos em tempo recorde pelo Walter Knol, por determinação da Novacap.

Funcionava como "um quintal do Hospital Distrital". Doente quebrava a perna lá, vinha para cá. Foi desse gesto de boa vontade, que nasceu o Sarah, hoje um dos mais importantes hospitais de recuperação locomotora do mundo.

Era uma pequena equipe entusiasmada com o prosar de um líder, o jovem Aloísio Campos da Paz, que voltava da Inglaterra na euforia de um cristão novo, mas logo deu o seu recado, e disse o que pensava e o que desejava. A instituição foi se arrastando aos poucos, e mostrando sua política de atuação. Muitos dos primeiros médicos abandonaram a instituição no meio do caminho. Uns, porque não queriam dedicação exclusiva, achando que sua clínica particular renderia mais. E houve muito sucesso nesse setor. Outros, pensavam diferente do chefe da equipe.

Mas o Sarah era movimento. Jovens entusiastas aderiram à tese, e em pouco tempo o hospital começou a se sobressair em Brasília.

Hoje, por via de decisões constitucionais, não poderá mais contratar profissionais, não poderá exigir dedicação exclusiva, não poderá seguir a sua política de sucesso vivida até os dias atuais. Agora, corre no Congresso um novo projeto, dando ao Sarah uma situação diferente, para ser dirigido por uma associação, e não por uma fundação. Há discussão demais no Congresso, há peso de todos os lados, porque o sucesso do Sarah não anima a muitos profissionais enfrentá-lo com clínicas particulares.

Não há que se negar o que está acontecendo nos arrabaldes da lei, porque muita gente detesta o Sarah. Lá, o tratamento é grátis, a tecnologia é de ponta, e a dedicação dos profissionais é exclusiva. Num País doente, onde uma pensão vira hospital, haverá, certamente, força contrária ao que se está fazendo.

Há que se chamar a atenção dos legisladores. O Sarah não é de Brasília, nem é do dr. Campos da Paz. Ele criou tudo, harmonizou equipes, formou mentalidade, e vem liderando com êxito a instituição, dentro e fora do País.

O Sarah, hoje, está trabalhando com a metade de suas possibilidades, porque não pode contratar profissionais. Seu poder de internação está caindo, está fluindo ante as dificuldades. É melhor, no entender do dr. Campos da Paz, fechar o hospital, a baixar o nível de atendimento.

Hoje, para as crianças, a consulta é marcada com 15 de antecedência, mas os adultos só serão atendidos em novembro. Não é isto o normal no Sarah, nem foi para isto, que ele se propôs a existir. Mas há necessidade de se manter o nível, para que a população não desacredite o hospital.

Hoje, deve começar a votação no Congresso. Não faltarão vozes contrárias, porque os interesses estão em jogo, mas há necessidade de se esclarecer à maioria que é dela que depende a existência de um hospital de valor na cidade.

Pode nunca um votante dele precisar, mas em caso de necessidade, há que se possuir na cidade uma instituição que respeite o homem como tendo direito à saúde, e a sociedade como uma beneficiária de tudo.

O hospital está em funcionamento, já provou que tem nível internacional, que está fazendo pesquisas do mais alto valor. Não se pode, agora, de uma hora para outra, fechá-lo ou condená-lo à mesmice do que se vê por toda a parte.

O Brasil tem direito a coisa melhor, tem direito ao que é bom. Vale lembrar isto, para que não sucumba um hospital de alto valor.

O sucateamento de um hospital como o Sarah, que recebe, hoje, quatro mil pedidos de consultas por mês, e só pode atender a dois mil, será uma derrota para a cidade e para o espírito público dos nossos legisladores.

Salvemos o Sarah. Se há defeitos, como os há em toda a parte, que os resolvamos depois, mas não devemos faltar ao dever patriótico de reconhecer o que é bom para o nosso povo e para a cidade.

O Sarah é um hospital que pertence ao mundo médico.

HISTÓRIA DE BRASÍLIA Em 1960 esta coluna registrava este fato

A Avenida das Nações está horrível para se transitar. Interrompida a cada instante, dificulta a chegada ao hotel, que de qualquer maneira é o ponto de referência de Brasília.